

## O homem e a morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:  
— «Es o rei da criação! A Terra toda é tua!...»  
O Orgulho comparece e, presto, continua:  
— «Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...»

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:  
— «Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante...»  
E a Fortuna declara: «Ordena, comandante!  
Do meu áureo poder ninguém te destitua...»

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,  
Bradando para os Céus em delírios de glória:  
— «Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...»

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,  
Vê-se triste e sozinho o monarca do mundo,  
Intimado a pensar no silêncio das trevas...

JOSÉ CIRILO CHAGAS

## Recordações em Leopoldina

A sombra amiga destes montes calmos,  
Meu pobre coração de anacoreta,  
Amortalhado em fina roupa preta,  
Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquilos,  
Entre grandes e estranhos pesadelos,  
Satisfazendo aos trágicos apelos  
Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,  
Sufocando as moléculas madrastras...  
Eram milhões de células nefastas,  
Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,  
Meu corpo recebeu o último beijo  
E comeci o lúgubre cortejo,  
Sustentado nos braços dos amigos.

Em triste solilóquio no trajeto,  
Espantado, fitando as mãos de cera,  
Rememorava o tempo que perdera,  
Desde as primárias convulsões do feto.

Porque morrer amando e haver descrido  
Do Eterno Sol, do qual vivera em fuga?  
Como é sombrio o pranto que se enxuga  
Pelo infinito horror de haver nascido!...

Depois, vi-me no campo onde a dor medra,  
Ao contato do chão frio e profundo,  
Chegara para mim o fim do mundo,  
Entre as cruzes e os dísticos de pedra.

Terrível comoção pintou-me a cara,  
Na escabrosa cidade dos pés juntos,  
Tornara-se defunta, entre os defuntos,  
Toda a ciência de que me orgulhara.

Trêmulo e só no leito subterrâneo,  
Sentia, frente à lógica dos fatos,  
O pavor dos morcegos e dos ratos,  
Dominar os abismos de meu crânio.

Meus ideais mais puros, meus lamentos,  
E a minha vocação para a desgraça  
Reduziam-se a mísera carcaça  
Para o açougue dos vermes famulentos.

Em seguida o abandono, enfim, do plasma,  
Os micróbios gritando independência...  
E tomei nova forma de existência  
Sob a fisiologia do fantasma.

Fugindo então ao gelo, à sombra e à ruína,  
Do caos sinistro em que vivi submerso  
Revelou-se-me a glória do universo,  
Santificado pela Luz Divina.

.....  
Oh! Que ninguém perturbe os meus destroços,  
Nem arranque meu corpo à última fumaça,  
E' Leopoldina a generosa urna,  
Que, acolhedora, me resguarda os ossos.

Beije minhalma alegre o pó da rua,  
Deste painel bucólico e risonho,  
Onde aprendi, no derradeiro sonho,  
Que o mistério da vida continua...

Bendita seja a Terra, augusta e forte,  
Onde, através das vascas da agonia,  
Encontrei a mim mesmo, em novo dia,  
Pelas revelações de luz da morte.

AUGUSTO DOS ANJOS